

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR: DIFICULDADES E RISCOS VIVENCIADOS NA PRÁTICA CLÍNICA

NURSE'S PERFORMANCE IN PRE-HOSPITAL CARE: DIFFICULTIES AND RISKS EXPERIENCED IN CLINICAL PRACTICE

DAYANE HIPÓLITO DE MOURA^{1*}, DANIELLA HIPÓLITO DE MOURA ALMEIDA², JANCIELLE SILVA SANTOS³, AMANDA FREITAS DE ANDRADE⁴, AMANDA GRAZIELA DE SOUSA NUNES⁵, ANA CAROLINE CARVALHO LEITE⁶, ANTONIA BARBOSA HOLANDA⁷, HABYNAARA FREITAS DE OLIVEIRA⁸, LOURDINERY ALVES FERREIRA⁹, MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES¹⁰, MARIA DAS DORES DE PAULA DOS SANTOS¹¹, MAURA LIDIANNE RODRIGUES¹², MICKAELLE BEZERRA CALAÇA¹³, MIRISVAN FERREIRA¹⁴, NATÁLIA SALES SAMPAIO¹⁵, NAURIZAN DE JESUS SILVA ASSUNÇÃO¹⁶, STELLA CRYST ANDRADE COELHO¹⁷, TAYNÁ LAYSE FRANÇA DE SANTANA¹⁸, THAIS PORTELA TEIXEIRA CAMPELO¹⁹, ROBERTA BERTÉ²⁰

1. Enfermeira. Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA); 2. Enfermeira, Especialista em Urgência e Emergência pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM); 3. Enfermeira, Especialista em Enfermagem Obstétrica pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM); 4. Enfermeira, Especialista em Nefrologia pelo Centro Universitário Unichristus Fortaleza; 5. Enfermeira. Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIPÓS); 6. Enfermeira. Graduada em Enfermagem pela Associação Teresinense de Ensino (AESPI); 7. Graduada em Enfermagem pela UNINASSAU; 8. Enfermeira. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva pelo Camilo Filho; 9. Enfermeira. Pós-graduada em Docência do Ensino Superior e Saúde Mental pela FAEMA; 10. Enfermeira. Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA); 11. Enfermeira, Especialista em Enfermagem Intensiva pelo Instituto Camilo Filho – Pitágoras; 12. Enfermeira. Especialização Lato Sensu Profissionalizante em Enfermagem Intensiva pela SOBRAT; 13. Pós-Graduada em Neonatologia em pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM); 14. Enfermeira. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva pela Universidade Cooperativa Medimagem – UCM; 15. Enfermeira. Especialista em Urgência e Emergência pela FACID; 16. Enfermeira. Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA); 17. Enfermeira. Graduada em Enfermagem pela ESTÁCIO; 18. Graduada em Enfermagem pelo Instituto Camilo Filho – Pitágoras; 19. Mestre em Saúde da Família – UninovaFapi. 20. Enfermeira. Especialista em Unidade de Terapia Intensiva pela Universidade do contestado (UNC).

*Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM). Avenida Boa Vista, 700, Boa Vista, Timon, Maranhão, Brasil. CEP: 65631-430. jancielle.enf@gmail.com

Recebido em 13/02/2020. Aceito para publicação em 20/03/2020

RESUMO

O estudo visa descrever com base na literatura a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar frente as dificuldades e riscos vivenciados. Trata-se de uma revisão integrativa realizada no período de janeiro a abril de 2019, por meio das bases de dados: LILACS, MEDLINE e BDEF. Foram excluídos todos os artigos incompletos, documentos como teses, dissertações e monografias, e trabalhos não disponíveis em português. A amostra final foi constituída por 40 artigos. De acordo com os artigos analisados observou-se que o socorrista é responsável pela assistência durante o atendimento externo, e as principais metas realizadas por esse profissional são a reanimação e a estabilização do paciente no local de ocorrência e durante o transporte para o pré-atendimento fixo. Entre as dificuldades e riscos encontrados os autores destacam que a associação de sentimentos negativos ao labor diário de cuidar do próximo, uma vez que, grande parte desses profissionais põe em risco a sua saúde. Diante disso, espera-se que esse estudo possa levar a ampliação das discussões sobre o trabalho da enfermagem na assistência pré-hospitalar, possibilitando avanços na estrutura e nas condições organizacionais para uma prática mais satisfatória, qualificada e segura.

PALAVRAS-CHAVE: Atendimento pré-hospitalar, riscos, dificuldades, enfermeiro.

ABSTRACT

The study aims to describe based on the literature the role of nurses in pre-hospital care in view of the difficulties and risks experienced. This is an integrative review conducted from January to April 2019, through the databases: LILACS, MEDLINE and BDEF. All incomplete articles, documents such as theses, dissertations and monographs, and works not available in Portuguese were excluded. The final sample consisted of 40 articles. According to the articles analyzed, it was observed that the first responder is responsible for the care during external care, and the main goals performed by this professional are the resuscitation and stabilization of the patient at the place of occurrence and during the transportation for fixed pre-service. Among the difficulties and risks encountered the authors highlight that the association of negative feelings to the daily labor of caring for others, since most of these professionals put their health at risk. Therefore, it is expected that this study can lead to the expansion of discussions about nursing work in pre-hospital care, enabling advances in structure and organizational conditions for a more satisfactory, qualified and Safe.

KEYWORDS: Pre-hospital care, risks, difficulties, nurse.

1. INTRODUÇÃO

Os serviços de atendimento pré-hospitalar (APH) móvel constituem importante componente da rede de

atenção às urgências. Sua finalidade é acolher precocemente as vítimas de agravos à saúde de diversas naturezas nos locais das ocorrências. Além de corresponderem a uma modalidade de atendimento imediato nas mais variadas solicitações. De acordo com o cenário atual das políticas de atendimento de emergência no Brasil, os serviços de APH apresentam potencial para regular o acesso do usuário ao sistema de saúde, assegurando assistência, transporte e encaminhamento às necessidades da população¹.

Atualmente, no Brasil, o atendimento pré-hospitalar está estruturado em duas modalidades: o Suporte Básico à Vida (SBV) e o Suporte Avançado à Vida (SAV). O SBV consiste na preservação da vida, sem manobras invasivas, em que o atendimento é realizado por pessoas treinadas em primeiros socorros e atuam sob supervisão médica. Já o SAV, tem como características manobras invasivas, de maior complexidade e, por este motivo, esse atendimento é realizado exclusivamente por médico e enfermeira (o). Assim, a atuação da enfermagem está justamente relacionada à assistência direta ao paciente grave sob risco de morte².

O SAMU-192, oficializado pela Portaria nº 1.864/GM, que institui o componente pré-hospitalar móvel da Política Nacional de Atenção às Urgências, por intermédio da sua implantação no território brasileiro. Nessa portaria, a regulação médica das urgências deve ser regionalizada, hierarquizada, descentralizada, pactuada, ter a participação da comunidade e atender aos princípios da integralidade, da universalidade e da equidade³.

O SAMU foi instituído Política Nacional de Atenção às Urgências, com objetivo de estabilizar as condições vitais, reduzir o risco de morbimortalidade e realizar o transporte ao hospital de referência, devendo a regulação médica das urgências ser regionalizada, hierarquizada, descentralizada, pactuada, ter a participação da comunidade e atender aos princípios da integralidade, da universalidade e da equidade. Dispõe de Unidades de Suporte Básico de Vida (USB) que atendem pacientes com risco de morte desconhecidos, por meio de medidas conservadoras não invasivas; e a Unidade de Suporte Avançado de Vida (USA) que oferece suporte a pacientes em risco de morte, por intervenção de profissionais médicos através de medidas invasivas ou não-invasivas^{4,5}.

Sabe-se que os profissionais que atuam em APH demonstram uma forte relação com a profissão, por ser uma prática que exige conhecimento aprimorado e continuado, bem como capacidade de lidar com situações inesperadas e desafiadoras. Por ser um tipo de trabalho em que o profissional está muito exposto, sofre cobranças da população, sendo constantemente avaliado no cumprimento de suas tarefas⁵. A atuação do enfermeiro está justamente relacionada à assistência direta ao paciente, sendo assim, a prática de enfermagem desenvolvida no APH, envolve não apenas experiência e competência no atendimento prestado à vítima, mas também preparo físico e autocontrole

emocional para enfrentar os desafios que são encontrados nesse tipo de atendimento.

O enfermeiro é participante ativo da equipe de APH e assume, junto com a equipe, a responsabilidade pela assistência prestada às vítimas graves sob risco de morrer. Participa, também, da previsão de necessidades da vítima, define prioridades, inicia intervenções necessárias com o intuito de estabilizar a vítima, reavaliando-a a cada minuto durante o transporte para o tratamento definitivo⁶.

Os profissionais de enfermagem que atuam nessa área vivem em constante desgaste físico e mental, pois se deparam com situações em que o limiar entre a vida e a morte está presente, exigindo raciocínio rápido para tomar decisões diante da ocorrência, além de enfrentarem dificuldades que impedem um bom desempenho, como a distância do local da ocorrência, a inexistência de segurança para atender em áreas de risco, pois se defrontam constantemente com cenas de violência, tumulto dos transeuntes, familiares ansiosos e condições impostas pelo trânsito, o que redundam em atraso para iniciar o atendimento à vítima⁷.

Deste modo, este estudo teve como objetivo descrever com base na literatura a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar e as principais dificuldades e riscos encontrados na prática clínica.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Estudo do tipo Revisão Integrativa (RI), caracterizada pelo que permite síntese de conhecimento por meio de processo sistemático e rigoroso. A condução de RI deve pautar-se nos mesmos princípios preconizados de rigor metodológico no desenvolvimento de pesquisas. As etapas deste método são: 1) elaboração da pergunta da revisão; 2) busca e seleção dos estudos primários; 3) extração de dados dos estudos; 4) avaliação crítica dos estudos primários incluídos na revisão; 5) síntese dos resultados da revisão e 6) apresentação do método⁸. O estudo busca responder a seguinte questão norteadora: Qual a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar (APH) e as dificuldades e riscos encontrados por esses profissionais? Estruturado

na técnica de pesquisa PICO, em que P – população são os Enfermeiros; I – interesse são as dificuldades e riscos enfrentados na prática clínica; e Co - contexto, no atendimento pré-hospitalar.

O levantamento bibliográfico foi realizado no período de janeiro a abril de 2019, por meio da consulta de publicações na base de dados LILACS, MEDLINE e BDNF, pela Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) por meio dos descritores: Atendimento pré-hospitalar, Riscos, Dificuldades e Enfermeiro, ambos associados por meio do operador booleano “AND”. Foram incluídos no estudo artigos completos, publicados português e entre os anos de 2012 a 2019. Foram excluídos artigos de revisão de literatura, teses, dissertações e monografias.

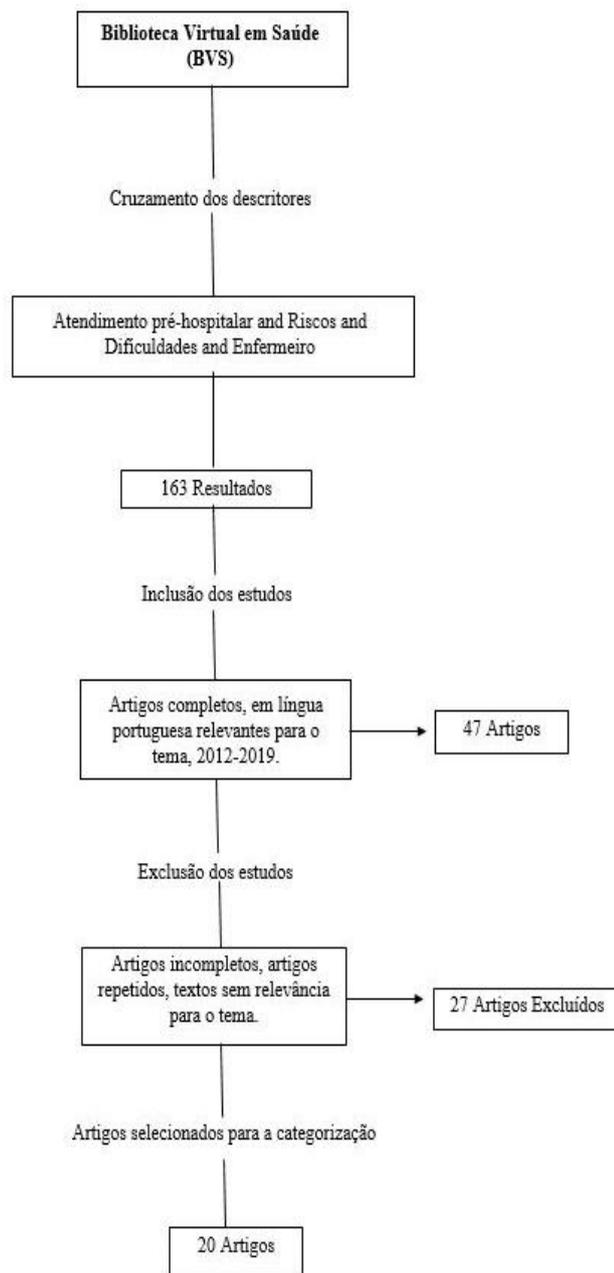


Figura 1. Método de busca dos artigos nas bases de dados. Teresina-PI, 2019. **Fonte:** Biblioteca Virtual em Saúde.

Foram encontrados 163 artigos a partir dos descritores, que após aplicação dos filtros de inclusão, totalizou 47 artigos. Após análise temática destes, foram excluídos ainda os artigos repetidos encontrados e os que não abordassem a atuação do enfermeiro no pré-hospitalar. Por fim, relacionou-se 20 artigos para construção dos resultados.

A filtragem foi realizada através de seleção de formulário de categorização dos artigos estruturado em metodologia de análise de crítica realizadas por Carlomagno & Rocha (2016)⁹. A metodologia de análise de conteúdo se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo⁹, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos

como o ano, base de dados, área de estudo, titulação dos autores, classificação, modalidade, abordagem, idioma, instrumento de coleta de dados, periódicos e análise dos artigos. A figura 1 ilustra de forma simplificada a busca dos artigos nas bases de dados.

Todos os estudos selecionados foram categorizados por meio do Formulário de Categorização de desenvolvimento próprio, que possibilitou traçar o perfil das publicações e a construção do quadro e tabela apresentados nos resultados. Em consecutivo à análise dos estudos, os mesmos foram agrupados em um quadro contendo os autores, modalidade de estudo, abordagem metodológica e o tema dos artigos, e uma tabela com o ano, periódico de publicação e a frequência dos estudos por ano/periódico.

3. DESENVOLVIMENTO

No desenvolvimento do estudo foram analisados 20 artigos, na tabela 01 realizou-se a distribuição das produções científicas segundo as variáveis: ano de publicação, titulação dos autores e modalidades analisando o percentual encontrado relevante à pesquisa.

Tabela 01. Distribuição das produções científicas segundo as variáveis: o ano de publicação, periódicos, (n=20). Teresina-PI, 2019.

Variáveis	Nº	%
Ano de publicação		
2012	7	35,00
	3	
2013	5	15,00
	0	25,00
2014	3	
	1	0,00
2015	1	15,00
2016		5,00
2017		5,00
2018		
Periódicos		
Biblioteca Virtual em Saúde MS	1	5,88
Brasileira de Ciências da Saúde	1	5,88
Einstein	1	5,88
Esc Anna Nery	1	5,88
FIEB Bulletin On-line	1	5,88
J. res.: fundam. care. Online	1	5,88
Portal e-Gov	1	5,88
Resuscitation and Emergency Medicine [Internet]	1	5,88
Rev. Bras. Enferm.	1	5,88
Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro	1	5,88
Rev. Eletr. Enf.	1	5,88
Rev Enfermagem Revista [Internet]	1	5,88
Rev. enferm. UFSM [Internet]	1	5,88
Revista Interdisciplinar em Saúde	1	5,88
Rev. Min. Enferm.	1	5,88
Rev. Pesq. Cuid. Fundam	2	11,76

Fonte: Biblioteca Virtual de Saúde.

Dentre os 20 artigos selecionados para o estudo, após a aplicação dos critérios exclusão e inclusão, observou-se que, no período de 2012 a 2014, destacou-se significativamente com 15 publicações de

periódicos, referentes ao tema do estudo, se comparando ao período de 2015 a 2018, com apenas 5 publicações. Observou-se que é maior o número de artigos relacionados ao tema nos bancos de dados pesquisados na Revista online de pesquisa: O cuidado é fundamental.

Tabela 2. Distribuição das produções científicas segundo as variáveis: titulação dos autores, modalidade (n=20). Teresina-PI, 2019.

Titulação dos Autores		
Graduado	2	10,00
Especialista	4	20,00
Mestre	6	30,00
Doutor	8	40,00
Não-Especificado	0	0,00
Modalidade		
Revisão Narrativa	4	20,00
Pesquisa de Campo	15	75,00
Revisão Sistemática	1	5,00
Relato de Experiência	0	0,00
TOTAL	20	100

Fonte: Biblioteca Virtual de Saúde.

Quanto à titulação dos autores, evidenciou-se que os doutores tiveram maior número de publicações submetidas nas bases de dados. Quanto à modalidade, a pesquisa de campo foi a que mais se destacou como estudo utilizado na base dos artigos coletados. Os artigos ainda foram classificados de acordo com a abordagem metodológica, podendo ser vistos de acordo com a Figura 2 a seguir:

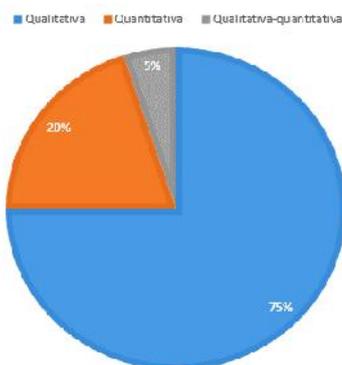


Figura 2. Classificação dos artigos de acordo com a abordagem metodológica. Teresina - PI, 2019. Fonte: Pesquisa Direta, 2019.

Na abordagem metodológica, os artigos foram classificados em: qualitativo, quantitativo e qualitativo-quantitativo. Foram encontrados de 15 artigos de abordagem qualitativa, com percentual de 75%, 04 artigos de abordagem quantitativa, com percentual de 20%, e de 01 artigos de abordagem quantitativa-qualitativa, com percentual de 5%, totalizando 20 artigos analisados.

Durante a categorização dos artigos foram selecionados 20 artigos onde foram encontrados formulários, entrevistas, questionários e outras técnicas que não estavam presentes na lista. A análise do gráfico de coluna mostra a quantidade de artigos conforme a pesquisa realizada.

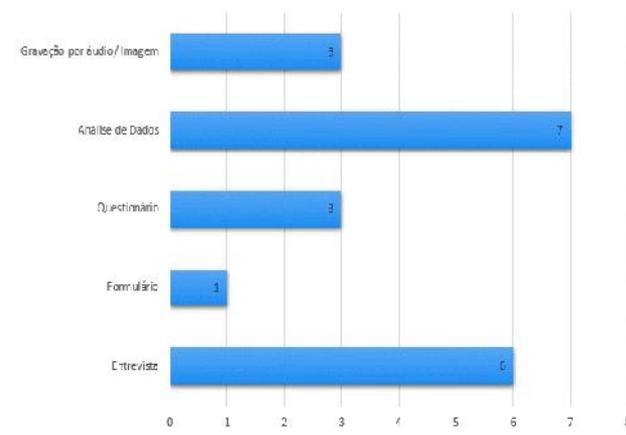


Figura 3. Classificação dos artigos de acordo com o instrumento de coleta de dados. Teresina - PI, 2019. Fonte: Pesquisa Direta, 2019.

Quanto à classificação dos artigos de acordo com o instrumento de coleta de dados, uma das técnicas mais utilizadas pelos pesquisadores e que teve maior destaque foi a análise de dados relacionado ao levantamento bibliográfico. Com base nos artigos coletados, foi possível montar um quadro (Quadro 1), com as respectivas categorias, autores e ano. A apresentação foi feita com base na classificação por similaridade semântica, categorizando os artigos em duas categorias de acordo com o núcleo do sentido dos artigos, como mostra o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1. Classificação dos artigos de acordo com as categorias, autores e ano. Teresina - PI, 2019.

CATEGORIAS	AUTOR (ES), ANO
A atuação do Profissional de Enfermagem no Pré-Hospitalar (APH)	Adão; Santos, 2012. Alves <i>et al.</i> , 2013. Bernardes <i>et al.</i> 2014. Brasil, 2012. Castro <i>et al.</i> , 2018. Hagiwara <i>et al.</i> , 2016. Junyent <i>et al.</i> , 2014. Luchtemberg; Pires, 2016. Martins <i>et al.</i> , 2012. Sobral <i>et al.</i> , 2013.
Dificuldades e Riscos encontrados pelos Profissionais de Enfermagem no Atendimento Pré-Hospitalar (APH)	Andrade <i>et al.</i> , 2014. Dias <i>et al.</i> , 2016. Martins; Vieira; Santos, 2012. Rocha, 2012. Salvador; Silva; Lisboa, 2013. Santana <i>et al.</i> , 2012. Silva <i>et al.</i> , 2014. Siqueira <i>et al.</i> , 2017. Souza; Sousa; Costa, 2014. Souza <i>et al.</i> , 2012.

Fonte: Biblioteca Virtual de Saúde.

Após a leitura minuciosa dos resultados e discussões dos artigos analisados na pesquisa, estes foram classificados por similaridade semântica em 02 categorias temáticas: “A atuação do Profissional de Enfermagem no Pré-Hospitalar (APH)” e

“Dificuldades e Riscos encontrados pelos Profissionais de Enfermagem”.

A atuação do Enfermeiro no Pré-Hospitalar (APH)

Entre os componentes da rede de atenção às urgências e emergências está o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) que iniciou suas atividades no Brasil há uma década e desde então segue em expansão no território nacional. Trabalham nesta rede profissionais da área da saúde e outros trabalhadores que compõem as equipes. Entre estes profissionais, encontra-se o enfermeiro¹⁰.

O SAMU constitui-se de enfermeiros capacitados a atuar em situações complexas e estressantes que requerem cuidado e atenção à saúde dos cidadãos e que possuem pleno conhecimento da relevância e autonomia na tomada de decisão quanto ao uso de técnicas e procedimentos invasivos¹¹. Os profissionais da enfermagem além dos conhecimentos técnicos realizados nas rotinas de trabalho lidam com a transferência de empatia e adquirem a confiabilidade nos atendimentos dos pacientes.

Os enfermeiros se destacam como peças-chave nos diversos contextos do trabalho em saúde, incluindo o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. O trabalho da enfermagem é essencial para a atenção à saúde no âmbito institucional. No caso brasileiro, que conta com profissionais com níveis de formação diferenciada, esse trabalho só pode ocorrer com a presença dos enfermeiros¹².

A atividade do enfermeiro no APH no Brasil desenvolveu-se a partir da década de 1990, com o surgimento das unidades de suporte avançado de vida (SAV), que tem como características manobras invasivas de maior complexidade e, por esse motivo, são realizadas exclusivamente por médicos e enfermeiros^{2,13}.

Juntamente com o médico e o socorrista, o enfermeiro é responsável pela assistência, que tem como meta a reanimação e a estabilização do paciente no local de ocorrência e durante o transporte para o pré-atendimento fixo². Dada a necessidade de envolver técnicas complexas, além de manobras invasivas, essa assistência justifica a presença do enfermeiro e do médico na ambulância¹⁴.

Diante da proposta do Atendimento Pré-Hospitalar móvel (APHM), o enfermeiro é o profissional capacitado, que trabalha na supervisão da equipe de enfermagem, execução das prescrições médicas, assistência a pacientes grave, tomada de decisões e no controle da qualidade do serviço. Com o objetivo de conduzir o processo de trabalho gerencial na enfermagem, o enfermeiro deve atender as dimensões: cuidado, gerência, educação e pesquisa. Assim, o enfermeiro tem condição de desempenhar o papel articulador no sistema, na integralidade e integração ensino e cuidado, possibilitando a operacionalização dos serviços de saúde¹⁵.

Na rotina de trabalho do SAMU é interessante observar o cotidiano de trabalho e as relações da equipe

de enfermagem, uma vez que há particularidades em sua atuação. Entre as particularidades, destaca-se o fato de que os técnicos de enfermagem prestam atendimento aos pacientes sob a direção do médico regulador a despeito de, hierarquicamente, estarem subordinados ao enfermeiro e exercerem suas funções sob sua supervisão. Acresce-se a duplicidade de papéis assumidos pelo enfermeiro ao exercer atividades assistenciais e de liderança da equipe, conforme estabelecido pelo Regimento do SAMU. Assim, o enfermeiro da Unidade de Suporte Avançado (USA) é um profissional que compõe a equipe de atendimento direto ao usuário, mas também assume a liderança da equipe de enfermagem das Unidades de Suporte Básicos (USBs), estabelecida pelo regimento do serviço¹⁶.

Entretanto, a atuação do enfermeiro no APH não se restringe somente à assistência, devendo ele participar continuamente de cursos de capacitação técnica e pedagógica, visto que, além de prestar socorro às vítimas em situação de emergência, também desenvolve atividades educativas como instrutor, participa da revisão dos protocolos de atendimento e elabora materiais didáticos para a equipe, que deve ser devidamente qualificada e constantemente treinada³. O enfermeiro como educador pode desenvolver atividades como instrutor de cursos na área de urgência e emergência, sendo o Atendimento Pré-Hospitalar (APH) uma das capacitações mais importantes na área da saúde.

Em âmbito brasileiro, a atuação do enfermeiro e a sua capacitação estão em atraso quando comparados com outros países como os Estados Unidos e a França, que possuem um sistema de APH mais desenvolvido, nos quais os enfermeiros têm sua função consolidada e reconhecida em seus sistemas de atendimento. Mas, apesar desse avanço nos países desenvolvidos, a atuação do enfermeiro é constantemente repensada¹⁷. Assim, fica-se evidente que é necessário expandir a atuação do enfermeiro, não se restringindo puramente à prestação da assistência, mas estender-se à organização e gerenciamento do atendimento como o Suporte Básico a Vida, acrescentando um novo olhar aos serviços de APH.

Especificamente no atendimento avançado pré-hospitalar de vítimas exige do enfermeiro raciocínio ágil na tomada de decisão clínica para atingir os objetivos do cuidado, o processo de enfermagem é um instrumento essencial por promover um guia sistematizado para o desenvolvimento do julgamento clínico. O processo de enfermagem desenvolve-se em um processo de cinco fases sequenciais e inter-relacionadas (histórico, diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação), coerentes com a evolução da profissão e que quando levado para o APH molda-se a biomecânica e ao ABCDE do trauma podendo então ser aplicado em um serviço de atendimento móvel de urgência¹⁸.

O enfermeiro socorrista é responsável pela assistência durante o atendimento externo, as principais metas realizadas por esse profissional são a reanimação

e a estabilização do paciente no local de ocorrência e durante o transporte para o pré-atendimento fixo. Dada a necessidade de envolver técnicas complexas, além de manobras invasivas, necessitando deste profissional domínio na atividade prática.

A aplicação do processo de enfermagem proporciona ao enfermeiro a possibilidade da prestação de cuidados individualizados, centrada nas necessidades humanas básicas, e, além de ser aplicado à assistência, pode nortear a tomada de decisão em diversas situações vivenciadas pelo enfermeiro enquanto gerenciador da equipe de enfermagem¹⁹.

Acerca sobre a importância da aplicação da triagem no atendimento inicial e consequente processo de enfermagem em conjunto com o ABCDE do trauma, relaciona-se também com aproximar-se um índice de qualidade na assistência do atendimento pré-hospitalar que consista em não agravar o estado de saúde do paciente até sua chegada ao ambiente de tratamento definitivo, normalmente, o hospital, minimizando complicações e buscando estabilidade hemodinâmica em menor tempo possível²⁰.

Diante do exposto, entende-se que apesar das conquistas conseguidas pelo enfermeiro em sua trajetória de cuidado, em especial na assistência de caráter urgencista e emergencista, ainda há muitos desafios a serem superados rumo à concretização e valorização do seu trabalho, sendo de fundamental relevância sua contribuição na busca da consolidação do Sistema de Atenção às Urgências como uma estratégia resolutiva e eficaz na atenção à saúde dos indivíduos, norteadada pela Política Nacional de Atenção às Urgências.

Dificuldades e Riscos encontrados pelos Profissionais de Enfermagem no Atendimento Pré-Hospitalar (APH)

Devido ao crescente aumento no número de atendimentos de urgência e emergência no país, gerados pelos “acidentes” de trânsito, violência, e doenças de várias etiologias, sobretudo cardiovasculares, surge no Brasil a necessidade de um atendimento rápido e especializado em prestar os primeiros socorros a estes doentes de traumas e males súbitos, ainda na cena do fato. O atendimento pré-hospitalar, seja móvel, seja fixo, tem como premissa o fato de que, dependendo do suporte imediato oferecido à vítima, lesões e traumas podem ser tratados sem gerar sequelas significativas²¹.

De acordo com os achados, o risco mais comum é a colisão automobilística, já que a ambulância segue em alta velocidade para socorrer a vítima em menor tempo possível. Nessa categoria de riscos químicos, o contato com substâncias químicas representado pelo hipoclorito de sódio, utilizado para desinfetar o veículo, e glutaraldeído, para desinfetar os materiais, seguido do contato com agentes provenientes da combustão de automóveis. Dentre os riscos psicossociais encontrados, o risco de agressão, seja física ou verbal, é outra constante, além dos ruídos²².

Outro risco encontrado no atendimento móvel é o

contato com doenças infecciosas, em pacientes sem um diagnóstico prévio, é outro fator de risco biológico, e quando se trata de uma doença infecciosa, como tuberculose, meningite meningocócica e gripe A1N1, por exemplo, o profissional corre o risco de se expor acidentalmente na abordagem inicial ao paciente. Essa problemática também é frequente em profissionais que atuam em serviços de emergência, por ser a porta de entrada para o hospital²³.

Sabe-se que os profissionais que atuam em APH demonstram uma forte relação com a profissão, por ser uma prática que exige conhecimento aprimorado e continuado, bem como capacidade de lidar com situações inesperadas e desafiadoras. Por ser um tipo de trabalho em que o profissional está muito exposto, sofre cobranças da população, sendo constantemente avaliado no cumprimento de suas tarefas²⁴.

O estudo realizado na pesquisa evidenciou sobre o cotidiano de profissionais de enfermagem que atuam em APH mostraram que o ambiente de trabalho pode proporcionar sentimentos positivos e negativos para os mesmos. Os autores destacam que a associação de sentimentos negativos ao labor diário de cuidar do próximo, uma vez que, grande parte desses profissionais põe em risco a sua saúde, podendo ser, esse fato, prejudicial tanto para o socorrista quanto para o paciente²⁵.

Em estudo realizado por Salvador *et al.* (2013)²⁷ acerca o estresse da enfermagem no atendimento pré-hospitalar móvel ficou constatado que entre as dificuldades encontradas pelos profissionais de enfermagem, o principal estressor identificado nos relatos desses profissionais foram os chamados telefônicos falsos, os vulgos trotes, ou para casos não emergenciais têm como consequência um aumento no tempo que se destinaria à prestação de auxílio a vítimas que de fato necessitam de cuidados urgentes. Isso importa na medida em que se tem conhecimento de que o atendimento pré-hospitalar adequado diminui a morbimortalidade por eventos geradores de agravos: “O intervalo entre o evento traumático e o atendimento hospitalar pode deteriorar as condições da vítima, o que poderia influenciar no resultado final”.

Estudo realizado com técnicos de enfermagem que atuam em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência demonstrou a insatisfação dos profissionais com o baixo salário, com as baixas condições de trabalho, a falta de reconhecimento da equipe pela regulação médica do serviço. Nota-se que a falta de reconhecimento profissional faz com que algumas pessoas se sintam desmotivadas para o desenvolvimento das atividades profissionais. Isso pode refletir, diretamente, nas relações e interações e, por conseguinte, no ambiente de trabalho²⁷.

Siqueira *et al.* (2017)²⁹ relata em estudo realizado em uma unidade do SAMU do sul de Minas Gerais que a falta de capacitação e treinamento foram citados pelos participantes, deste estudo, como fatores contribuintes para estagnação profissional contrapondo a Portaria nº 2048. A carência de produtos e materiais usados pelos profissionais entrevistados foi expressa

por 85% dos profissionais, sendo que as vezes, a situação é contornada pela enfermagem, para não prejudicar ainda mais o paciente. Os materiais escassos mais citados foram fitas para glicemia capilar e colar cervical.

Em suma, entre as dificuldades mencionadas pelos enfermeiros para o APH encontraram-se: condição inadequada do alojamento da equipe; ausência de materiais; desgaste físico; falta de reconhecimento profissional; estresse; falta de recursos humanos; baixos salários; demora para chegar ao local do evento. Outros pontos que dificultam o atendimento estão relacionados à organização do serviço, à relação entre os membros das equipes, à exposição desnecessária aos riscos das cenas e à relação com os usuários²⁹.

Alguns estudos^{30,31} ressaltam em seu estudo que a mídia aparece como uma possível estratégia potencializadora, para a melhoria da qualidade do serviço de atendimento móvel, uma vez que por meio da informação pode auxiliar na compreensão da população acerca da real função do SAMU. Para que isso seja possível, programas de capacitação para leigos devem envolver indivíduos que atuam em ambientes escolares, empresariais e instituições públicas.

Diante do supracitado trecho, a mídia emerge como possível estratégia, uma vez que possui características construtoras da realidade. Toda informação, carrega consigo uma dimensão valorativa, influenciando, desse modo, as condutas das pessoas³¹. Ela tem como função básica comunicar, informar, analisar e, portanto, possui papel extremamente importante na sociedade de dar autonomia as pessoas.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, durante as análises das literaturas abordadas, observou-se que o trabalho do enfermeiro no APH/ SAMU é marcado por incontáveis desafios que geram oportunidades de aprender e satisfazer através de experiências no campo profissional. A atuação do profissional no APH é evidenciada a responsabilidade pela assistência, que tem como meta a reanimação e a estabilização do paciente no local de ocorrência e durante o transporte para o pré-atendimento fixo. Além disso, desenvolve no campo profissional técnicas complexas, além de manobras invasivas, essa assistência justifica a presença do enfermeiro e do médico na ambulância.

Constatou-se por meio da pesquisa que a abordagem da temática há alta incidência de stress em equipe multiprofissional de atendimento pré-hospitalar, principalmente devido às características de imprevisibilidade desse tipo de atividade como baixo salário, com as baixas condições de trabalho, a falta de reconhecimento da equipe pela regulação médica do serviço. Porém, os enfermeiros também destacam aspectos positivos de atuarem neste setor de saúde, dentre eles podemos citar: o dinamismo, a resolutividade e visibilidade na rede de atenção e o fluxo de trabalho ordenado de acordo com a demanda, além da imprevisibilidade. O enfermeiro contribui de

forma significativa do atendimento ágil e de qualidade no APH.

Notou-se no estudo que o enfermeiro é o elo primordial para um atendimento de qualidade no APH, mas, em contrapartida, a atuação deste profissional é caracterizada por ações de alta complexidade, sendo causadora de estresse e de desgaste físico e emocional e devem ser discutidas e aprofundadas para que esse campo de atuação potencialize seus pontos positivos e minimize seus aspectos negativos, possibilitando maior qualidade na assistência e satisfação profissional.

É de fundamental importância a utilização dos Equipamentos de Proteção Individuais (EPI's) para evitar a contaminação e assegurar a proteção destes profissionais e necessita-se o acompanhamento psicológico assim como melhor comunicação entre os demais profissionais para não haver a sobrecarga sobre o enfermeiro. Espera-se que esse estudo possa levar a ampliação das discussões sobre o trabalho da enfermagem na assistência pré-hospitalar do SAMU, possibilitando avanços na estrutura e nas condições organizacionais para uma prática mais satisfatória, qualificada e segura.

REFERÊNCIAS

- [1] O'Dwyer G, Konder MT, Machado CV, Alves CA, Alves RP. The current scenario of emergency care policies in Brazil. *BMC Health Serv Res.* 2013; 13(70).
- [2] Lima ALP, Nascimento ACA, Santos BA, Santos L, Silva DP. Assistência de enfermagem no atendimento pré-hospitalar. *International Nursing Congress. Theme: Good practices of nursing representations In the construction of society*, 2017: 9-12(1).
- [3] Luchtemberg MN, Pires DEP. Nurses from the Mobile Emergency Service: profile and developed activities. *Rev Bras Enferm.* 2016 Mar/Apr; 69(2):194-201. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690202>.
- [4] Ministério da Saúde (BR). Portaria nº 1.010, de 21 de maio de 2012. Redefine as diretrizes para a implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192) e sua Central de Regulação das Urgências, componente da Rede de Atenção às Urgências. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
- [5] Andrade AS, Rêgo REQ, Falcão KP, Ribeiro MB, Andrade NA. Atenção pré-hospitalar: desafios do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência na visão de enfermeiros. *FIEB Bulletin On-line.* 2014; 84: 1-6. Disponível em: <http://www.fiebulletin.net/index.php/fiebulletin/article/view/4608>.
- [6] Adão RS, Santos MR. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. *Rev. Min. Enferm.*; 16(4): 601-608, out./dez., 2012.
- [7] Alves ECO, Mesquita WS, Teles NSB. Situações enfrentadas pelos enfermeiros no serviço de atendimento pré-hospitalar. *Revista Diálogos Acadêmicos.*; jul./dez. 2014; 3(2):102-108. Disponível em: <file:///C:/Users/thaya/Downloads/59-203-1-PB.pdf>.
- [8] Mendes Karina Dal Sasso, Silveira Renata Cristina de Campos Pereira, Galvão Cristina Maria. Uso de

- gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. Texto contexto enferm. [Internet]. 2019 [citado 2019 Ago 09]; 28: e20170204. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100602&lng=pt. Epub 14-Fev-2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2017-0204>.
- [9] Carlomagno Márcio, Rocha Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. Revista Eletrônica de Ciência Política [Internet]; jul. 2016; 7(1):173-188. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>>.
- [10] Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec; 2014.
- [11] Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.600, de 07 de julho de 2011 - Reformula a Política Nacional de Atenção às Urgências e institui a Rede de Atenção às Urgências no Sistema Único de Saúde (SUS) [Internet]. Brasília, 2011; Available from: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1600_07_07_2011.html.
- [12] Junyent RWW, Rodrigues FSM, Oliveira-Júnior IS, Wanderley AG, Tavares JG, Ferraz RRN, Errante PR. A autonomia do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar. Science in Health; maio-ago 2014; 5(2): 86-95. Disponível em: <http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/new/revista_scienceinhealth/14_mai_ago_2014/Science_05_02_2014%20-%2086-95.pdf>. Acesso em 08 abr 2019.
- [13] Luchtemberg Marilene Nonnemacher, Pires Denise Elvira Pires de. Enfermeiros do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência: perfil e atividades desenvolvidas. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2016 Apr; 69(2):213-220. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000200213&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690202i>.
- [14] Castro GLT, Tourinho FSV, Martins MFSV, Medeiros KS, Ilha P, Santos VEP. Proposta de passos para a segurança do paciente no atendimento pré-hospitalar móvel. Texto Contexto Enferm. [Internet], 2018; 27(3): e3810016. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v27n3/0104-0707-tce-27-03-e3810016.pdf>.
- [15] Bernardes A, Mazieiro VG, Hetti LBE, Baldin MCS, Gabriel CS. Supervisão do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2014 jul/set; 16(3):635-43. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v16i3.21126>. - doi: 10.5216/ree.v16i3.21126.
- [16] Martins CCF, Pontes AGV, Vieira AN, Santos VEP. Desgaste no serviço de atendimento pré-hospitalar móvel: percepção dos enfermeiros. Rev. enferm. UFSM [Internet]. 2012 [acesso em: 30 set 2014]; 2(2):282-9. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reeufsm/article/view/4687>.
- [17] Alves M, Rocha TB, Ribeiro HCTC, Gomes GG, Brito MJM. Particularidades do trabalho do enfermeiro no serviço de atendimento móvel de urgência de belo horizonte. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2013 Jan-Mar; 22(1): 208-15. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_25.pdf>. Acesso em 08 abr 2019.
- [18] Sobral PHAF, Silva AMP, Santos VEP et al. Atuação de enfermagem em serviços de emergência: revisão sistemática. J. res.: fundam. care. online 2013. out./dez. 5(4):396-07. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4767569>>. Acesso em 08 abr 2019.
- [19] Lins TH, Lima AXBC, Veríssimo RCSS, Oliveira JM. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 jan/mar; 15(1):34-43. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em vítimas de trauma durante atendimento pré-hospitalar utilizando a CIPE. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i1.16503>. doi: 10.5216/ree.v15i1.16503. Acesso em 08 abr 2019.
- [20] Sallum AMC, Santos JLF, Lima FD. Diagnósticos de enfermagem em vítimas fatais decorrentes de trauma no cenário da emergência. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. jan.-fev. 2012 ;20(1):[08 telas]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692012000100002&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 08 abr 2019.
- [21] Hagiwara *et al.* Scandinavian Journal of Trauma, Resuscitation and Emergency Medicine [Internet]. 2016; 24(14):1-7. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4751749/>.
- [22] Rocha EC. Atuação da enfermagem em urgências e emergências. Portal e-Gov. 2012 mai; 2 (10):12-17.
- [23] Souza MT et al. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. Einstein, 2012 nov; 8 (1):102.
- [24] Souza ER, Sousa ATO, Costa ICP. Riscos ocupacionais no Atendimento PréHospitalar Móvel: produção científica em periódicos online. Brasileira de Ciências da Saúde. 2014. jun-ago; 18 (2):167-174.
- [25] Andrade AS, Rêgo REQ, Falcão KP, Ribeiro MB, Andrade NA. Atenção pré-hospitalar: desafios do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência na visão de enfermeiros. FIEB Bulletin On-line. 2014 [citado 9 abr 2019]; 84:1-6. Disponível em: <http://www.fiebulletin.net/index.php/fiebulletin/article/view/4608>.
- [26] Martins CCF, Vieira NA, Santos VEP. Reflexos do trabalho na qualidade de vida de Enfermeiros. RevPesqCuid Fundam. 2012;4(4):2966-71.
- [27] Salvador RSP, Silva BASA, Lisboa MTL. Estresse da Enfermagem no Atendimento Pré-Hospitalar Móvel Estresse da Enfermagem no Atendimento Pré-Hospitalar Móvel. Esc Anna Nery (impr.) 2013 abr - jun; 17 (2):361-368. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1277/127728367022.pdf>>. Acesso em 09 abr 2019.
- [28] Santana JCB, Campos JP, Dutra BS, Campos ACV. Desafios enfrentados pelos técnicos de enfermagem que atuam em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Rev Enfermagem Revista [Internet]. 2012; 15(1):4-15.
- [29] Siqueira CL, Rennó DS, Ferreira NMC, Ferreira SL, Paiva SMA. Dificuldades percebidas pela enfermagem no cotidiano do trabalho de um serviço de atendimento móvel de urgência. Revista Saúde [Internet]. 2017 ago- dez; 11(1):2. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/2847/2206>>. Acesso em 09 abr 2019.
- [30] Dias LPR, Mendes RS, Trigueiro GP, Assis EV, Feitosa ANA, Sousa MNA. Enfermagem no

atendimento pré-hospitalar:Papel, Riscos Ocupacionais e Consequências. Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, 3 (1):223-236, jan./mar. 2016, ISSN: 2358-7490. Disponível em :<http://interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_9/Trabalho_13.pdf>. Acesso em 09 abr 2019.

- [31] Silva SF, Lucio DBM, Ilha S, *et al.* Dificuldades Vivenciadas em um serviço de Atendimento móvel de urgência: percepções da equipe de enfermagem. Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro. 2014; 4(2):1161-1172.